

Revista ELLE
Estágio e Análise sobre Tradução e Edição de Texto

Ana Carina Brás Moraes

Relatório de Estágio
de Mestrado em Edição de Texto

Versão Corrigida e Melhorada após a sua Defesa Pública

Março 2013

Para todos os interessados por um mundo

além dos livros...

AGRADECIMENTOS

À Conceição pelo apoio e por me ter conseguido, através dos seus contactos, um lugar como estagiária na *ELLE*. Sem o seu auxílio, o presente relatório nunca teria visto a luz do dia.

À Fátima Cotta pela prova de confiança durante a entrevista que me realizou e depois do teste. Por me ter aceitado na revista.

Ao professor Rui Zink, pelos seus ensinamentos e presença constante ao longo de todo este processo. Pelas críticas construtivas e apoio inabalável ao longo de um caminho difícil e de sucesso.

À *ELLE* em geral por me ter acolhido, pela confiança que tiveram, pela compreensão e apoio em tempos difíceis. À Maria Antónia e à Joana pela ajuda e apoio durante o estágio e pelas suas contribuições (muitas vezes humorísticas). À Sandra Gato pela sua simpatia e disponibilidade em responder às minhas perguntas e pela sua orientação durante o estágio na revista.

À minha família pelo apoio incondicional e compreensão, por terem abdicado de tanto tempo da minha companhia e por todo o auxílio que me prestaram para que este relatório pudesse ser redigido. À minha mãe pelo seu amor e carinho, ao meu pai pelo apoio e críticas construtivas e ao meu irmão Diogo por ter tomado o controlo das responsabilidades partilhadas por ambos.

Aos meus amigos pelo apoio e por me terem ajudado a libertar-me da pressão quando mais precisei. Ao John, à Raquel, à Cátia.

À Oxford School que me apoiou durante a redação deste relatório, disponibilizando-me tempo para o fazer. À Zilda, à Cristina e à Filipa, e ao apoio de todos os meus amigos e colegas da escola.

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que este relatório fosse escrito e, consequentemente, que acabasse o Mestrado em Edição de Texto. A todos, um muito obrigada, e até sempre.

À Tânia pela revisão deste trabalho.

RESUMO

Relatório de estágio “Revista ELLE: Estágio e Análise sobre Tradução e Edição de Texto”, por Ana Carina Brás Morais

PALAVRAS-CHAVE: Revista Internacional feminina; *ELLE*; Tradução; Revisão; Edição de texto; Estágio, Publicação.

O presente documento é o relatório de um estágio de três meses realizado na revista internacional feminina *ELLE*, iniciado em novembro de 2012 e finalizado em fevereiro de 2013, para a componente não letiva de Mestrado e para conclusão do mestrado em Edição de Texto na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Com base nos temas aprendidos durante a componente letiva e não letiva, o presente relatório visa não só analisar o estágio mas também comparar o círculo da Tradução e Revisão dentro da Edição e Publicação da revista *ELLE*.

Destacam-se no corpo deste relatório artigos de origem do Reino Unido, Singapura e Estados Unidos da América, assim como de Espanha, com as respetivas traduções e processos de revisão. Para os artigos traduzidos e publicados durante o estágio, incluem-se também as maquetes preparadas para impressão. Destacam-se também diversas reflexões sobre os temas acima indicados e descrições dos processos adotados pela estagiária e pela revista.

ABSTRACT

Internship Report “Revista ELLE: Estágio e Análise sobre Tradução e Edição de Texto”, by Ana Carina Brás Moraes

KEYWORDS: International feminine magazine; ELLE; Translation; Revision; Text Editing; Internship; Publishing.

This document is a report on an internship in the international feminine magazine *ELLE*. It was a three-month-stage, beginning in November 2012 and ending in February 2013, done as a non-teaching component to complete the Masters in Text Editing, taught in Faculdade de Ciências Sociais e Humanas in Universidade Nova de Lisboa.

Based on the topics learned during the teaching and nonteaching components, this report’s goal is to analyze the internship, but also to compare the circle around Translation and Revision in *ELLE*’s Editing and Publishing sector.

In the report the focus lays on article from the United Kingdom, Singapore and the United States of America, as well as from Spain, with their respective translations and revisions. The articles translated and published during the internship are accompanied by the models prepared for printing. It also focuses various reflective thought about the topics mentioned above and descriptions of processes adopted by the internee and the magazine.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO

1.1. Reflexões Primárias Sobre Edição e Tradução.....	1
1.2. Como Consegui o Estágio.....	2

2. A ELLE

2.1. Instalações.....	4
2.2. Características Gerais.....	4
2.3. Características Físicas.....	5
2.4. Público Leitor.....	6
2.5. Os Temas.....	7
2.6. Processo de Edição	
2.6.1. Preparação do Texto.....	8
2.6.2. Preparação da Revista.....	9

3. O ESTÁGIO

3.1. Descrição Geral.....	11
3.2. Funções.....	12
3.2.1. Tradução.....	13
3.2.1.1. Sobre Tradução.....	14
3.2.1.2. Problemas de Tradução dos Textos de Origem Espanhola.....	15
3.2.1.3. Problemas de Tradução dos Textos de Origem Inglesa.....	17
3.2.1.4. Ferramentas Utilizadas.....	20
3.2.2. Revisão.....	21
3.2.2.1. Sobre Revisão.....	22
3.2.2.2. Problemas de Revisão dos Textos de Origem Espanhola.....	23
3.2.2.3. Problemas de Revisão dos Textos de Origem Inglesa.....	24
3.2.2.4. Ferramentas Utilizadas.....	24

4. CONCLUSÃO

4.1. Da Teoria à Prática.....	26
4.2. Análise Final.....	27

BIBLIOGRAFIA	29
---------------------------	----

ANEXOS	31
---------------------	----

1. INTRODUÇÃO

1.1. Reflexões Primárias Sobre Edição e Tradução

A palavra escrita é essencial para o mundo civilizado. Os textos desde sempre foram considerados, para o bem e para o mal, meios essenciais de preservação e, mais importante ainda, de divulgação cultural. Sem a escrita, os povos antigos nunca poderiam ter deixado a sua herança às gerações vindouras, não saberíamos nada sobre o nosso passado, o presente ser-nos-ia desconhecido – algo impensável tendo em conta a crescente dependência que sentimos dos diversos povos do mundo – e o futuro seria incerto. Tudo isto soa algo poético, e no entanto esta é uma verdade que permanece incontestável até hoje.

No entanto, apesar de nos tempos atuais ser principalmente utilizada para manter e embelezar imagens e influências políticas e não para ganhar nem celebrar poderio político e militar, o tipo de edição da qual falo não tem como objetivo divulgar vitórias e glórias, mas pontos de vista e ideias – o que não deixa de ser igualmente perigoso em várias frentes – mas cuja conotação é menos severa, apesar de mais exposta a críticas.

Hoje em dia, a Edição tornou-se uma verdadeira indústria, digna de um mercado cada vez mais competitivo que tem um papel cada vez mais importante graças às diversas evoluções dos meios de comunicação. Apesar disto, a época em que a ideia de que os textos e livros significam cultura ficaram para trás. Atualmente, a importância de um livro está ligada não ao facto de ser um marco cultural, mas à sua especialidade em produzir um número suficiente de cifrões que encham os bolsos dos autores... e dos editores. Em contrapartida, o mais interessante em Edição de Texto, independentemente da sua necessidade para o mundo, é que hoje em dia a mesma virtualmente inútil se os textos que estão sob a sua responsabilidade não forem divulgados para além do mercado nacional.

Eis, então, que entro no segundo grande tema deste relatório, a Tradução. Por muito pouca importância que lhe seja dada é necessária, para o autor e para o editor, no sentido em que permite a vários leitores a nível mundial ler as obras em que estes investiram. A função de um tradutor enquanto divulgador de cultura é muitas vezes posta de lado, completamente esquecida pelas restantes áreas neste círculo e, por vezes,

pelo próprio tradutor. Contudo, a crescente necessidade de informação rápida, acessível e na língua materna outorgou à Tradução uma nova posição na sociedade livreira. Ler numa língua estrangeira leva tempo, concentração e uma dose generosa de paciência, coisas que hoje em dia não podemos dispensar por razões principalmente de cariz económico. Desta forma, o papel do tradutor torna-se indispensável de forma a permitir um acesso rápido à cultura por parte dos leitores, independentemente da sua qualidade.

No início do mestrado perguntaram-me porque tinha escolhido Edição de Texto como tema. Na altura, a minha resposta foi que, para além de querer abrir os meus horizontes para um mundo além da criação textual, gostaria de saber e analisar qual o papel da Tradução na Edição de Texto. Um desejo algo vago e de fácil resposta. Afinal, sem primeiro ser feita a tradução de um texto que tenha sido redigido numa outra língua em primeiro lugar, o mesmo não pode ser editado e publicado no mercado de chegada. Ainda assim, o meu objetivo mantém-se. A Tradução é um pequeno mundo da Edição, um mundo muitas vezes negligenciado – e cujas consequências “traduzem-se” em resultados catastróficos ao nível da qualidade do texto na língua de chegada. Mas terá o mesmo valor para todas as áreas deste ramo?

1.2. Como Consegui o Estágio

Desde o início do mestrado em 2011, que a preferência geral pelo estágio curricular e respetivo relatório, principalmente pela possibilidade e oportunidade de ganhar experiência prática na área, ficou evidente. Após uma reunião que a turma teve no final do último semestre correspondente à componente não letiva, tornou-se clara a importância de procurar um estágio numa editora o mais rapidamente possível. Tal como muitos dos meus colegas, passei os meses seguintes a enviar currículos e a ir a entrevistas, não tendo conseguido qualquer resposta positiva.

Um ano mais tarde, já praticamente resignada a escrever um livro e uma tese de análise sobre as dificuldades da respetiva publicação, calhou em conversa num restaurante com uma amiga receber um pedido do meu currículo, sendo a esperança desta, conseguir-me através dos seus contactos (ela tem uma loja de roupa), um estágio numa revista de moda ou numa publicação semanal de um banco. Assim, no início de outubro, encontrei-me no escritório da RBA Revistas Portugal, Unipessoal Lda numa entrevista para estágio curricular na revista *ELLE* com a então diretora, Fátima Cotta.

Depois de me serem feitas as perguntas usuais para uma entrevista de emprego, e de uma demonstração extrema de interesse pelo meu historial na área de Tradução, concluiu-se que seria conveniente testar as minhas capacidades na mesma área e em revisão de texto, uma vez que seriam estas as minhas principais funções na editora, como vim a verificar mais tarde. Uma semana depois, voltei à RBA a fim de fazer a tradução de um artigo de um número britânico sobre namoro. Uma vez terminada e feita a revisão, enviei-a a uma das jornalistas para ser analisada. Passadas umas semanas recebi uma resposta positiva da diretora e a permissão para começar no início de novembro.

É sobre esse estágio que se concentra o presente relatório, escrito durante e após o mesmo em função da experiência prática adquirida numa das mais famosas revistas internacionais femininas a nível global. O objetivo deste relatório não consiste apenas em descrever uma experiência profissional, mas também analisá-la no sentido de determinar o papel editorial da Tradução, no seio deste microuniverso editorial das publicações internacionais. Irei, por isso, concentrar-me principalmente na descrição e análise das funções que me foram incumbidas na *ELLE*, durante a minha permanência na empresa, nomeadamente a Tradução dos artigos e a sua posterior Revisão.

2. A *ELLE*

2.1. Instalações

Sendo uma revista internacional, a *ELLE* tem vários escritórios e redações por todo o mundo, sendo que as suas instalações em Portugal estão situadas no centro da capital, na Freguesia de Nossa Senhora de Fátima. O edifício escolhido é compartilhado por uma empresa de especialização profissional. A sua localização centralizada e privilegiada atribui-lhe a vantagem de aceder rápida e eficientemente a quaisquer pontos da cidade de Lisboa, graças ao fácil acesso a transportes públicos, tais como locais emblemáticos e em *vogue* para compras (sendo um bom exemplo o El Corte Inglés) e a zonas de especial interesse e foco para os temas da revista.

A *ELLE* dispõe de um escritório compartilhado com a *National Geographic*. A planta inclui uma sala de reuniões, cozinha preparada para que os jornalistas e outros funcionários possam almoçar e duas salas (uma das quais está equipada especificamente para o departamento de publicidade e a outra para a redação de ambas as revistas). Esta segunda sala está equipada com computadores para cada jornalista e colaborador, placares de cortiça onde se afixam artigos, imagens e outros elementos de revistas anteriores e futuras, assim como *designs* de artigos de roupas e acessórios e, finalmente, prateleiras e armários onde são guardados exemplares de cada número mensal da revista dos vários pontos do mundo.

2.2. Características Gerais

A *ELLE* é uma revista internacional com publicações em mais de sessenta países, desde os Estados Unidos ao Japão, em quatro dos cinco continentes. A publicação portuguesa é mensal, com a característica distinta de um mês de adiantamento – o que significa que em fevereiro é lançado o número de março – não só como medida de competir com as suas rivais, nomeadamente com a *Vogue* ou a *Máxima*, mas também como forma de prever e estabelecer as tendências da moda para o mês seguinte. Fundada por Pierre Lazareff e Hélène Gordon em Paris, França, no ano de 1945, é uma revista principalmente de Moda internacional – tendo começado por realçar a moda francesa – mas também com um carácter informativo, incluindo nas suas páginas

artigos sobre alimentação, cuidados com a beleza, saúde, carreira, decoração e até mesmo férias.

2.3. Características Físicas

Relativamente ao seu tamanho, a *ELLE* tem um formato A4. A capa inclui sempre a fotografia de uma modelo ou atriz (ou ambas) representando esta o foco de um dos artigos principais do número, juntamente com o título dos artigos de destaque da mesma. Em certas edições, a capa é desdobrável para permitir a inserção de publicidade extra. As primeiras páginas incluem publicidade dos grandes *designers* da estação, tanto de roupa como de acessórios, e a produtos de beleza. O índice encontra-se geralmente na vigésima primeira página, – apesar da sua posição variar entre edições – inclui duas páginas intercaladas com uma de publicidade e está dividido entre a colocação dos artigos referidos na Capa, Moda, Magazine (correspondente a artigos sobre relações, carreira e outros editais), Beleza, Living (decoração e estilo de vida) e Rubricas (a parte mais técnica da edição). Segue-se a Ficha Técnica que indica o nome dos colaboradores que contribuíram para o número e os contatos da revista, estando por vezes também intercalados com publicidade. No geral, o total de páginas da revista desde a capa à contracapa varia entre 130 e 170 páginas, podendo exceder estes números, e ficando a numeração no canto inferior esquerdo precedida sempre pelo nome da marca.

As fontes das edições portuguesas são carateristicamente simples e elegantes, com um toque de classicismo e floreado que reflete o seu aspeto feminino. Os itálicos são particularmente preferidos nas edições europeias ocidentais para o *lead* dos artigos. Para os títulos, no entanto, a predileção recai maioritariamente no negrito e nas maiúsculas. As fontes preferidas são as diferentes versões das Baskerville, Claderon e Century Gothic.

Os artigos podem ocupar até seis páginas, dependendo da sua importância. Como já foi mencionado, os temas são muito variados, desde Moda a Férias. A linguagem é tipicamente jornalística, informativa, mas também simples e romantizada, sendo que o aspecto neutro que geralmente a caracteriza é aqui posto algo de parte em favor da harmonia da linguagem textual, cujo objetivo é captar a atenção da leitora. Em retrospectiva, cada artigo assemelha-se mais a uma conversa entre a autora do artigo e a sua leitora, o que personifica um sujeito que aparenta estar por detrás das palavras

escritas, aproximando o público-alvo do tema. A marca mais interessante dos artigos da *ELLE* em termos de linguagem é o facto de estes estarem repletos de estrangeirismos, maioritariamente de anglicismos e galicismos. Esta presença de palavras estrangeiras em textos portugueses é justificada pela importância que o mundo inglês tem atualmente por todo o globo e não exclusivamente da Moda (no caso dos anglicismos) e devido à França ainda ser considerada o país da Moda por excelência (no caso dos galicismos). No geral, considero que a estrutura e configuração da revista é esteticamente informativa e personalizada, mas a enorme quantidade de publicidade que publica atribui-lhe uma aparência de catálogo.

A revista em papel tem atualmente dois formatos principais: a tradicional versão A4 e a de bolso – também chamada “de Viagem” – que fornece às leitoras maior facilidade de transporte. Têm, naturalmente, o mesmo conteúdo – apesar de em ponto pequeno – com a pequena diferença de não serem acompanhadas por suplementos mensais, acessórios e amostras dos produtos que promovem. No entanto, as redes sociais já começam a mostrar a sua influência e importância na divulgação rápida de informação. Para além do *site* na Internet em França e no Reino Unido, em Portugal a *ELLE* já tem *Facebook*, administrado por uma das jornalistas, onde todas as semanas são colocadas novidades sobre a revista, modelos e marcas. Além disso, para celebrar o seu 25º aniversário, está nos objetivos deste ano a criação de um *site* oficial da revista em português.

2.4. Público Leitor

O público-alvo é principalmente feminino, variando a faixa etária das leitoras entre 20 e os 60 anos. Em Portugal, podemos encontrar esta revista, assim como as suas rivais, nas salas dos salões de beleza, cabeleireiros, receções de consultórios médicos e de estética e até em ginásios.

Podem ser normalmente compradas em papelarias e quiosques, contudo já existe a possibilidade de subscrição *online*. Atualmente, em Portugal, a tiragem da revista é de 3500 exemplares por mês.

2.5. Os Temas

Como foi indicado no ponto 2.2, a *ELLE* é uma revista que indica as tendências das estações, determinando em último caso a Moda. Relativamente a este núcleo específico, encontramos artigos não só sobre as diferentes marcas, mas também sobre as pessoas e ao universo desta indústria que a elas estão ligados.

As tendências em roupas, acessórios e sapatos ocupam grande parte do núcleo da revista, especialmente nas páginas que mais se assemelham, no que se refere à estrutura interna, às de catálogos. No entanto, tem também artigos que refletem sobre a origem das novas tendências (ver anexo 1), e artigos que visam cumprir um duplo objetivo de publicitar uma marca (para quem não a conheça, como é o caso do artigo sobre a Chloé do número de fevereiro de 2013 – anexo 2) e de anunciar as novidades dentro da indústria.

Para além de estabelecer e anunciar as tendências anuais às suas leitoras, a revista tem também um carácter de conselheira em vários aspetos. Como podemos observar com base, se não no seu interior, no seu índice multifacetado, os seus artigos não se cingem apenas a roupa, acessórios e sapatos, mas também a beleza, férias, carreira, entre outros temas variados explicitamente direccionados para captar a atenção das mulheres.

A maioria deste género de artigos que me passaram pelas mãos tinha como título indiciário ‘Beleza’. Através deles é dado a conhecer às leitoras não só novas técnicas e marcas de maquilhagem, mas também inovações, manutenção física, formas de valorizar a beleza natural feminina e cuidados com a saúde. Durante os três meses de estágio, entregaram-me para serem traduzidos originais sobre cuidados a ter com a alimentação, dietas, saúde e higiene, assim como os diversos avanços científicos realizados nestes setores. A grande surpresa desta temática – pelo menos para mim – foi o facto de estes artigos não serem apenas sobre a aparência física, mas também sobre o nosso cérebro e mentalidade. Um exemplo deste inesperado aspeto da temática é o artigo da edição americana de fevereiro de 2012, cuja tradução se encontra no anexo 3, sobre a crescente utilização do calão como vocabulário coloquial.

Também no subtema da psicologia, encontramos artigos sobre Romance e Relações, áreas que não só incluem análise sobre mexericos e traições amorosas, mas também reflexões sobre os mesmos (ver anexos 4 e 5). Outro subtítulo da Beleza e

Saúde introduz o tema de retiros eremíticos terapêuticos (anexo 6), que por sua vez abre o das Viagens. Traduzi apenas dois destes artigos, ambos de edições de Singapura de 2012. Os números singapurenses tendiam também, talvez devido ao atual aumento da preferência pela emigração como forma de combate à crise económica a publicação de artigos sobre carreira, emprego e êxodo internacional. Estes centravam-se em relatos de jornalistas e correspondentes da *ELLE* que emigraram, e em alertar e aconselhar as leitoras que estivessem a pensar seguir o mesmo caminho (pode-se encontrar um exemplo destes artigos no anexo 7).

Paralelamente temos também artigos destinados à divulgação de destinos para estadias mais curtas, sendo o lazer e as férias assuntos de grande interesse. Certos artigos que traduzi, como o do anexo 8, destinavam-se aos destinos de férias e escapes do mundo real de forma a aproveitar um bom estilo de vida e, no caso deste artigo específico, sem terem que despende de muito dinheiro. Quanto ao estilo de vida, temos também entrevistas a artistas e a decoradores de interiores incorporados numa só pessoa, que adotaram um estilo de vida refletido posteriormente na decoração da sua casa (ver anexo 9).

Por fim, as traduções não foram apenas de artigos publicados pela revista. Como já mencionei, esta não depende apenas dos seus jornalistas efectivos mas também de correspondentes (*freelancers* e fontes anónimas *online*). A *ELLE* está em constante procura de artigos cujos temas estejam relacionados e se adequem à sua marca. Uma vez traduzidos e editados, são inserido numa temática, podendo ir para os Editais ou mesmo dar origem a novos separadores no Índice. Um exemplo destes artigos é o que se encontra no anexo 10.

2.6. Processo de Edição

2.6.1. Preparação do Texto

Apesar de o processo de preparação do texto na *ELLE* ser relativamente simples, nisso não implica que não seja demorado. Numa primeira fase, os artigos são redigidos e/ou traduzidos por jornalistas e tradutores, tanto internos como externos à revista, sendo que para estes últimos o trabalho é orçamentado segundo o estatuto de *freelancer*. É então feita uma seleção das melhores imagens e fotografias relacionadas com os

artigos. Esta seleção é feita através de redes *online* internacionais, nomeadamente a *ELLE Pix*, a *Gettyimage* e a *Corbis* (que também é uma das fontes de géneros diferentes de artigos), sendo os preços da utilização das imagens negociados com outras revistas ou com os próprios fotógrafos. O orçamento pré estabelecido para a compra das imagens deve ser respeitado durante a negociação, e as contas apresentadas no fim do mês à Direção da revista.

Feita a seleção, os artigos e as respetivas imagens são colocadas no servidor para estarem à disponibilidade dos jornalistas que os irão ler, rever e, posteriormente, criar as maquetes. Estas são feitas normalmente no *Adobe InDesign* em A3, para mais tarde facilitar o corte e colagem na tipografia. Nesta fase, os jornalistas responsáveis irão melhorar as imagens com programas como o *Adobe Photoshop* e paginar, colocando as imagens e os textos no lugar correto. Os textos são adaptados segundo os parâmetros e critérios da revista e são modificados, cortados ou prolongados de acordo com o espaço disponível e de acordo com o que o aspeto estético permitir. A maquete é então colocada mais uma vez no servidor para uma derradeira revisão com vista em cortar quaisquer pormenores e/ou gralhas que possam não ter sido corrigidas nas fases anteriores.

A preparação de todos os números é realizada informaticamente, sempre através deste servidor geral, o que permite a todos os colaboradores observarem os passos já realizados e a evolução da revista.

2.6.2. Preparação da Revista

Terminadas as maquetes, a Direção prepara o plano da revista a ser publicada. Trata-se basicamente de um mapa do número, indicando onde irá ser colocado cada artigo, imagem e elemento publicitário a publicar nesse mês. Também nesta fase são feitas a paginação final da revista, a numeração dos artigos, as fichas de edição, os sumários e as agendas.

Finalizada esta fase é tudo enviado para a tipografia, onde os números são impressos e embalados para serem enviados para as bancas e quiosques. No caso da *ELLE* portuguesa, todo o material necessário para a sua publicação é enviado para uma tipografia em Espanha, onde a revista é impressa e só então reenviada para Portugal. Enquanto são impressas, a Redação recolhe todo o material utilizado, organiza-o e

envia-o para a sede em França, onde se mantém um registo detalhado de todos os números publicados a nível mundial. Antes da Internet, todo o material era formatado em *slides* e embalado em caixas que seguiam por correio para Paris. Naturalmente, as novas tecnologias foram uma importante evolução na partilha de comunicação da revista ao nível internacional, assim como na sua qualidade, eficiência e periodicidade. Mas, neste caso específico, vieram também acabar com o perigo de revistas extraviadas em aeroporto.

3. O ESTÁGIO

3.1. Descrição Geral

No total, o estágio na *ELLE* durou três meses. O plano estabelecido inicialmente incluía para além de uma aprendizagem prática na área e de acrescentar ao meu conhecimento e experiência em Tradução e Revisão de Texto, apreender conceitos práticos sobre vários aspetos necessários à edição de uma revista mensal internacional, tais como a paginação e o tratamento de imagem. No entanto, o próprio carácter da revista e a constante atividade que existe na Redação impediram que eu e qualquer outra entidade dispuséssemos de condições para aprofundar convenientemente estes temas. Por esta razão, as minhas funções limitaram-se à tradução e revisão.

Novembro foi o mês de ambientação. Desde o primeiro dia que percebi que o ambiente da *ELLE* era errático e movimentado. Cheguei à revista na altura em que tinham terminado o número de dezembro e estavam a tratar do de janeiro e, com a aproximação da época festiva, o ambiente fervilhava com a preparação de eventos de Natal e de Ano Novo. Para além disso, estávamos também a meio da estação Outono/Inverno 2012, uma altura importante para o círculo da Moda a nível global, e da qual tinham, e têm, que aproveitar ao máximo. O ambiente em si era excelente: a Redação era composta por jornalistas e consultoras na faixa dos 20 aos 40. Senti uma certa ansiedade ao descobrir que Fátima Cotta tinha deixado a revista. Tinha pressuposto que como fora ela a entrevistar-me, seria ela também a minha coordenadora de estágio. No final, o problema solucionou-se e Sandra Gato, então jornalista, tornou-se a minha coordenadora.

Em comparação, o período de dezembro foi mais calmo. Com os eventos já todos planeados, o grande foco do mês foi a preparação do número de janeiro. Contudo, este mês está longe de ser tranquilo: apesar do número de janeiro já estar nas bancas por essa altura, o frenesim do Natal ainda não tinham terminado. A pressão para combinar não só esta questão com o tema da edição dessa revista – a febre pós-ano-novo – era palpável. Além disso, o peso das questões administrativas aumentou naturalmente com a aproximação do fim do ano e as reuniões entre funcionários tornaram-se uma ocorrência diária.

Janeiro trouxe um novo começo tanto na revista como no mundo da Moda. A preparação das tendências para a estação Primavera/Verão 2013 ainda não tinha não estavam em curso, mas tive a agradável surpresa de descobrir que não um, mas quatro dos artigos que tinha traduzido seriam publicados (três dos quais se encontram nos anexos 1, 2 e 12). Foi também um mês de grandes mudanças na revista. A minha coordenadora tornou-se a nova diretora da *ELLE*.

No geral, e apesar dos contratempos iniciais e das limitações, o estágio esteve à altura das minhas expectativas. Foi uma experiência enriquecedora, tanto a nível profissional, como pessoal. Conheci pessoas muito interessantes e familiarizei-me com temas aos quais, até então, nunca tinha atribuído muita importância.

3.2. Funções

As minhas funções enquanto estagiária foram imediatamente determinadas durante a entrevista com Fátima Cotta. Desde então, percebi que caso conseguisse o estágio na *ELLE*, este ir-se-ia focar principalmente em Tradução. Na verdade, apesar de estar interessada em descobrir mais sobre aspetos editoriais como paginação e o processo de criação da revista, o meu foco desde o início do mestrado foi perceber qual o papel da Tradução na Edição de Texto. Esta é uma questão fácil de responder: sem textos, traduzidos ou não, a edição é impossível. No entanto, o meu foco não era a importância da Tradução para o mundo editorial em geral, mas qual o papel que ocupa nos diferentes campos e vertentes da área. Sobre este ponto percebi o que não percebera com a teoria (uma vez que a componente letiva se concentrara na edição de textos literários), que os mundos da Tradução têm diferentes tamanhos dentro dos universos que ocupam. Não que a tradução de Literatura seja menos importante que a tradução de artigos jornalísticos., simplesmente a sua importância é menos sentida em livros do que nos jornais e revistas, inerentemente inclinados para a comunicação intra e internacional. Isto, não foi algo que tenha aprendido durante a licenciatura ou durante o mestrado, trata-se de uma ideia inicial que se foi enraizando com o tempo que passava à frente do computador.

Atualmente conto, e já na altura também o fazia, com uma licenciatura Pós-Bolonha em Tradução com variantes de inglês e espanhol, um *First Certificate in English* (FCE), um *Certificate of Advanced English* (CAE) e um *Certificate of*

Proficiency in English (CPE), um *workshop* de quatro semanas em legendagem e um *Certificate in English Language Teaching to Adults* (CELTA), adicionado naturalmente ao ano de experiência teórica adquirida na componente letiva do mestrado.

Ficou assim determinado que a minha principal tarefa seria traduzir os artigos de revistas de língua inglesa e espanhola que desejassem publicar. Obviamente ficou também à minha responsabilidade apresentar as traduções num português correto, o que pressupôs que a revisão das mesmas seria também da minha incumbência. A minha experiência em Revisão de texto não era muita na altura. Para além das traduções que realizara durante e posteriormente à licenciatura, e de um única aula de revisão de texto, a minha experiência cingia-se até então ao ocasional encontro de gralhas e erros de tradução nas obras que lera. Ainda assim sempre considerei que o objetivo do estágio não era apenas ter um tema para escrever o presente relatório, mas também para acrescentar a minha experiência, tanto profissional como pessoal.

No final, durante os três meses que se seguiram após a entrevista inicial, foram-me dados para traduzir para português um total de quarenta e quatro artigos em inglês e espanhol, provenientes principalmente de números da *ELLE* publicados em Espanha, Reino Unido, Singapura e Estados Unidos.

3.2.1. Tradução

Como minha principal função, a Tradução teve sempre um papel especial na produção deste relatório. O meu amor pela palavra escrita e por línguas estrangeiras influenciou em grande medida a minha escolha de licenciatura e, mais tarde, de mestrado. Apesar de durante este último a incidência ter sido principalmente no aspeto mais estético de obras literárias, foi sempre o meu desejo e interesse observar e analisar a outra face da moeda, assim como os seus perigos e desafios.

Desde o princípio, como tenho vindo a mencionar ao longo deste relatório, o meu objetivo foi perceber exatamente qual o papel da Tradução no círculo editorial. Apesar da resposta ser relativamente simples, como também já foi explicado, não deixa de ser demasiado simplificada. Certamente que a tradução, independentemente da pouca importância que lhe é atribuída em qualquer círculo, não tem o mesmo peso em todos os aspetos deste universo. Assim, este ponto visa analisar a Tradução no círculo jornalístico internacional em que estagiei.

3.2.1.1. Sobre Tradução

Resumidamente, a Tradução é um dos micro universos da Edição de Texto, estejamos a falar de textos literários ou jornalísticos. Na minha opinião, para além da escrita dos textos, é um dos mais importantes aspectos de produção de qualquer tipo de documento escrito, mas também um daqueles a que se dá menos importância. Quando pensamos em textos, pensamos em autores e não em tradutores. Contudo o tradutor acaba por ser uma mescla de autor e de editor, no sentido em que deve não só rescrever o texto na língua de chegada, mas também adaptá-lo.

Tal como um editor, um tradutor tem como responsabilidade trabalhar o texto – prepará-lo para ser lido e compreendido na língua de chegada – mas o *dever* de ser invisível aos olhos do público. A diferença é que as decisões do editor são baseadas no aspecto mais estético do texto e normalmente em conjunto com os autores. O tradutor toma decisões sempre em função do que o autor escreveu, tendo obrigatoriamente de manter um determinado nível de fidelidade ao original, nunca devendo alterar a ordem do seu conteúdo – ou o próprio conteúdo para tornar o texto mais apelativo ou compreensível.

Não quero com isto dizer que o tradutor não toma decisões ao nível estético. Muitas vezes é necessário seguir do caminho mais contextual do que a literal para fazer com que um texto faça sentido ou soe mais fluído aos leitores. Em comparação, o editor tem a função de aconselhar o autor a alterar determinados aspetos para captar melhor a atenção do público, o que o tradutor, por muito que o deseje, está sempre impedido de fazer. A Tradução tem como tarefa principal transmitir na língua de chegada o que o autor escreveu e quis dizer, e nada mais.

Neste sentido, podemos comparar a disciplina e etiqueta da Tradução às do Jornalismo. A sua neutralidade permite por um lado transmitir pensamentos e crenças de autores com os quais o tradutor pode não concordar, tornando-o imune a qualquer juízo de valores que o público leitor certamente fará uma vez lida a obra do autor. No entanto, o tradutor deve estar permanentemente ciente do perigo que corre ao expor os diferentes pontos de vista, de forma a não correr o risco de causar mal entendidos ou de manipular a opinião geral. Um risco que o editor corre quando confronta o autor.

Durante o estágio, este perigo foi aliviado pelo facto de estar a traduzir artigos que, apesar de serem jornalísticos, utilizavam uma linguagem explicitamente especializada em capturar a atenção de um público leitor feminino. Este género de escrita divertido, romântico e cativante é por natureza manipulador, mas ainda assim a atratividade dos artigos da *ELLE* é de tal forma bem vista que é impossível não ser apreciada por qualquer mulher, em qualquer parte do mundo, se a tarefa do tradutor for bem desempenhada.

No entanto, os seus artigos acabaram por me comprovar que não era apenas a língua que tinha que traduzir, mas também o estilo. Muitas das expressões existentes em inglês nunca poderia ser escritas e lidas em português com o mesmo significado devido às diferenças de interpretação contextual.

O processo pelo qual optei para as traduções foi relativamente simples. Tendo em conta o tempo disponível, começava por fazer uma primeira leitura do artigo, passando a assinalar as expressões e frases que pensava poderem dar-me problemas ao nível terminológico e contextual. Depois de uma pesquisa sobre os possíveis significados dos mesmos, começava a traduzir, optando pela tradução literal ou contextual de acordo com a situação.

3.2.1.2. Problemas de Tradução dos Textos de Origem Espanhola

Na grande maioria das vezes, o principal problema dos portugueses é o facto de pensarem que, só porque falam português, sabem também falar espanhol. Esta é uma crença universal no nosso país relativamente justificável pelo facto de ambas as línguas partilharem as mesmas origens linguísticas, estrutura gramatical e muito do vocabulário. Mas são exatamente os chamados falsos amigos e a conjugação verbal que determinam a verdadeira proficiência do português que fale espanhol.

Pessoalmente, não considero que o meu espanhol seja muito bom. As minhas credenciais para utilizar esta língua tanto na forma escrita como na oral limitam-se ao nível equivalente a um B2 segundo o Quadro Comum de Línguas Europeu. No entanto, a formação ao nível da linguística e da tradução que recebi desta língua contribuíram para me ajudar a, pelo menos, reconhecer a linguagem problemática e resolvê-la o melhor possível.

A principal dificuldade que senti com os textos em espanhol foi precisamente a sua proximidade com a língua portuguesa. O facto de as duas línguas serem à primeira vista tão parecidas dificulta a conversão do texto para português.

Um dos exemplos mais flagrantes é o artigo sobre Savannah Miller (anexo 11), no qual ela fala sobre o seu estilo de vida.

[...] Nos mudamos hace casi tres años y entonces distaba mucho de ser el paradigma del buen gusto. Cuando la vimos por primera vez, nos pareció espantosa. [...]

La Casa Encantada, Cláudia Saíz, *ELLE*, Espanha, Dezembro 2012

Neste excerto temos o exemplo de um falso amigo que pode criar, e muitas vezes cria, problemas em português. O primeiro instinto para qualquer falante da língua portuguesa seria manter o adjetivo “espantosa”. Contudo, em português, a conotação deste adjetivo é positiva, sendo muitas vezes considerado um sinónimo de “surpreendentemente maravilhosa”. Em espanhol, o significado é precisamente oposto, indicando que a casa em questão estava em muitíssimo mau estado.

Por esta razão optei por traduzir o mesmo termo da seguinte forma:

[...] Mudámo-nos para aqui há quase três anos e na altura estava muito longe de ser o paradigma do bom gosto. Quando a vimos pela primeira vez, pareceu-nos horrível. [...]

Hoje talvez tivesse optado por traduzir o “espantosa” por “metia medo”, mas para além de me parecer coloquial demais, “pareceu-me horrível” soou-me mais neutro e seguro, uma vez que não estou familiarizada com o estilo de discurso de Miller.

3.2.1.3. Problemas de Tradução dos Textos de Origem Inglesa

Atualmente é atribuída uma tal importância ao inglês que quem não souber o mínimo corre o risco de ser considerado praticamente analfabeto. Prova deste facto é o constante aumento de termos e fraseologias de origem inglesa na nossa linguagem técnica e quotidiana. Ainda assim, devido à sua estrutura frásica e gramatical, a tradução desta língua estabelece um desafio digno.

A grande dificuldade que encontrei, no entanto, não foi a sua tradução da língua propriamente dita, mas sim do estilo de escrita. Qualquer pessoa que saiba o mínimo das duas línguas pode confirmar que a forma como se diz determinada expressão em inglês não soa corretamente aos ouvidos do português, devido em grande medida ao grau de informalidade que caracteriza a língua inglesa, quando comparada com outras línguas europeias. Desta forma acabei por optar muitas vezes por uma tradução mais contextual do que literal, o que me acabou por expor naturalmente a diversos perigos, nomeadamente à distorção do original. No entanto, depois de ler as traduções e de pedir feedback às minhas colegas, penso que no final este perigo foi evitado com segurança.

Neste aspeto, os textos mais difíceis de traduzir foram sem dúvidas as entrevistas. Na edição de fevereiro deste ano foi publicada uma entrevista com Cameron Diaz (ver anexo 12), que foi de todas as entrevistas a mais difícil de traduzir, principalmente devido à insistência da entrevistada em utilizar expressões mais vulgares da gíria urbana americana e calão.

*‘This past year, I’ve been in LA mostly redoing that property and making it really homey. Before, it was just a disaster, boxes everywhere, nowhere for anybody to sit. And I really got to enjoy it this summer with family and friends. Half of it’s done now. That part is really dialled in – we’re sweet! That s*** is slammin’,’ she beams, adopting her mega-watt party-girl persona.*

ELLE, Reino Unido, 2012

Como podemos observar neste excerto, a linguagem não é de fácil tradução. A primeira parte ainda começa por ser simples, mas ao entrarmos na linguagem mais informal, a segurança que criámos com às primeiras frases desaba. Mesmo com um

dicionário como o *Urban Dictionary* (ver ponto 3.2.1.4.), os significados dos termos usados não podiam ser menos claro e, claro está, a estrutura frásica também não ajuda.

No final, este artigo sofreu inúmeras revisões mas a minha tradução foi a seguinte:

*“Neste último ano, tenho estado em L.A. principalmente para reconstruir a propriedade e a torná-la aconchegante. Antes, estava simplesmente um desastre, com caixas por todo o lado, sem espaço para uma pessoa se sentar. Consegui realmente aproveitá-la este verão com a minha família e amigos. Metade está terminada. Está muito refinada – somos amorosos. Aquela m***** está fantástica,” afirma ela com um sorriso festivo e luminoso.*

Não foi apenas na tradução do estilo que tive problemas. A diferença dos mesmos entre as *ELLE* de diferentes países era tão notável que a uniformização foi um desafio hercúleo. O estilo da revista do Reino Unido, sendo parecido ao de Portugal, foi relativamente mais fácil de adaptar. O nível de formalidade, em comparação com as dos Estados Unidos e de Singapura, aproxima-se mais do exigido pela imprensa em portuguesa (apesar de estar longe de ser tão formal como o nosso), o que fez com que o meu problema com o inglês neste sentido fosse o vocabulário e a estrutura frásica.

Para obscurecer um cenário já negro, os artigos da *ELLE* americana, para além de deixarem transparecer gíria urbana, e por vezes até calão, continham no original expressões muitas vezes imensamente hifenizadas, com quatro ou cinco adjetivos típicos do vocabulário urbano que, infelizmente, não é lecionado em Portugal de forma aprofundada por razões de decoro. Com expressões desta forma contextuais, acabava a maioria das vezes a tentar perceber o que toda aquela cacofonia de adjetivos e substantivos significava. No entanto, reparei que comparados com os artigos da revista britânica e singapurense, os americanos eram muito mais arrojados. De entre os artigos americanos que traduzi, os que mais me espantaram tinham como temas reflexões sobre o uso de drogas e do calão (ver anexos 3 e 13). Comparados com os temas mais tranquilos mas contemporâneos da revista de Singapura, cujos artigos que me passaram pelas mãos se centravam nas carreiras profissionais e relações sociais e românticas (ver anexo 5 e 7), a imagem que criei da *ELLE* americana foi algo chocante.

No que se refere a dificuldades, Singapura, apesar de tudo, não ficou muito atrás. O humor que transparece ao ler os seus artigos foi muito difícil de manter, especialmente devido ao carácter mais neutro e, em comparação, insípido do mundo jornalístico europeu. No entanto a sua linguagem adota também um tom de consultor, quase como se o artigo estivesse a aconselhar a leitora.

Of course, it is easy to feel wise now that the pain has passed just as it is easy to lash out at the person you don't know when you feel as if your heart has just been shot to shreds. But we need to pay less heed to the idea of the other woman as the enemy.

Claro que é fácil sentirmo-nos inteligentes agora que a dor passou tal como é fácil atacarmos uma pessoa que não conhecemos quando sentimos que o nosso coração foi feito em fãnicos. Mas temos que prestar menos atenção à crença de a Outra Mulher ser o inimigo.

The Other Woman, ELLE, Singapura, 2012

No final, a resolução destes problemas de tradução passou pela tomada de diferentes tipos de decisões. Um dos desafios apresentados no início foi o de traduzir ou não termos como ‘sites’ e outros estrangeirismos. Mais tarde fui-me apercebendo que estas expressões não eram traduzidas, o que me fez parar de o fazer. O número de páginas nos primeiros tempos preocupou-me, uma vez que os artigos em inglês ocupavam entre duas e três páginas quando não ocupavam mais. Geralmente as traduções acabavam por ocupar duas páginas a mais (por vezes mais ainda). Contudo, foi-me dito que muitas vezes o texto era adaptado. No caso do artigo do anexo 1 o texto teve de ser prolongado para ocupar as duas páginas designadas. Por esta razão, apesar de tentar encurtar o texto, a minha preocupação foi grandemente aliviada.

Mas a minha grande dificuldade em ambas as línguas foi o facto de a revista ter adotado o Acordo Ortográfico, facto pelo qual o faço também no presente relatório. A dificuldade foi reduzida pelo facto de o programa Microsoft Word da empresa incluir já o Acordo, mas a ambientação ao mesmo – pelo que quero dizer deixar de depender do

conversor – foi condicionada ultimamente pela limitação às ferramentas utilizadas para a realização das traduções na *ELLE* e pela própria revisão.

3.2.1.4. Ferramentas Utilizadas

Durante o estágio, o acesso a recursos manuseáveis de tradução (dicionários, prontuários, glossários) era bastante limitado, devido à inexistência dos mesmos nas instalações da revista. Por esta razão, a grande maioria das minhas pesquisas foi realizada através da Internet.

Uma das ferramentas que considerei ser essencial foi o *Dicionário Porto Editora online*. Para português do quotidiano, e às vezes mesmo para termos mais técnicos, tanto os dicionários *online* como os físicos foram úteis para comparar significados nas diferentes línguas. Este tipo de dicionário funciona exatamente como os dicionários em papel, com a única diferença de ser necessário escrever o termo para o podermos encontrar em vez de sermos obrigados a procurar o mesmo na lista alfabética. Obviamente que a sua utilidade limitou-se a informar-me da ortografia e significados dos diferentes termos enquanto palavras individuais, apesar de ter uma ou outra expressão composta, especialmente no caso do dicionário inglês. Seja como for, um dicionário tradicional é sempre uma ferramenta útil e importante para encontrarmos o significado imediato de um determinado termo na língua de chegada.

Num sentido mais contextual, o *Linguee.com* foi um dos *sites* mais úteis que descobri até hoje. Através da digitalização de um determinado termo ou expressão que queiramos encontrar, mostra-nos imediatamente o mesmo termo ou expressão utilizada em diferentes contextos, tanto na língua de origem como na de chegada, juntamente com as fontes dos textos – o que é sempre útil se queremos evitar usar o português do Brasil. Graças a esta função, este *site* ajudou-me a tomar várias decisões e a escolher entre diferentes traduções de termos e expressões de forma muito mais informada e segura ao poder analisar os contextos em que se inseriam.

Entrando num submundo contextual, o *UrbanDictionary.com* foi uma ferramenta inesperadamente necessária, principalmente na tradução de textos americanos. É um dos *sites* mais controversos que já visitei, mas também uma das ferramentas mais úteis devido à sua extensiva base de dados repleta de jargão, gíria e calão. Em vez dos significados tradicional e politicamente corretos que encontramos nos

dicionários comuns, o *UrbanDictionary.com* não tem qualquer problema em expor aos utilizadores definições de expressões e termos caracteristicamente urbanos na linguagem mais baixa possível. Não é o melhor lugar para conseguir uma definição completa – ou, em qualquer outro contexto, correta – mas com a ajuda de exemplos demonstrando a utilização de termos e expressões em contexto, oferece uma imagem suficientemente vívida do que pode significar. O grande defeito deste *site*, na minha opinião, é não oferecer exemplos de tradução das mesmas expressões e termos. No entanto, tendo em conta que o calão tem muitas vezes uma base cultural, é compreensível a razão por que as mesmas não são oferecidas.

Finalmente, uma das ferramentas mais criticadas de sempre, o *Google Translator* é, concordo plenamente, uma péssima ferramenta para a tradução de qualquer texto. Não posso dizer o mesmo, contudo, quando se trata de tradução de termos específicos. Os defeitos do *Google Translator* são dos mais variados: muito do português que surge na aplicação é português do Brasil; não tem qualquer consciência gramatical no que se refere a tradução de frases; são raras as traduções de expressões idiomáticas. No entanto, apesar de todos estes defeitos, tem um grande ponto positivo. Quando queremos saber o significado de um termo específico, o *Google Translator* oferece-nos uma lista de possíveis traduções do mesmo como qualquer outro dicionário. Mas a vantagem desta aplicação é que está em constante e permanente atualização, permitindo ao utilizador inserir a sua própria opção. Com vários utilizadores a contribuírem com traduções da mesma palavra, um termo simples como ‘like’ surge no campo da língua de chegada com uma enorme variedade de significados e possíveis utilizações. Não oferece qualquer contexto, como já mencionei, mas sendo a escolha tão variada, é apenas uma questão de analisar a hipótese que mais se adequa ao texto em questão.

3.2.2. Revisão

A minha segunda função foi a de rever os textos que traduzia. Apesar de estes serem revistos mais tarde pelas jornalistas responsáveis pela paginação, muitas das expressões e termos escolhidos tiveram que ser analisados e repensados de acordo com o contexto do artigo. E mesmo o próprio estilo, que como já foi mencionado, variava segundo o país de onde o artigo provinha, tinha que ser adaptado às normas da edição

portuguesa e uniformizado. Convinha, por isso e por uma questão de economia de tempo, que os textos fossem entregues a precisarem de o mínimo de alterações possível.

Assim, depois da tradução, o passo seguinte era rever o texto e corrigir gralhas e erros. Esta foi uma fase de análise linguística. De forma a rever a tradução com olhos novos, e porque o tempo geralmente o permitia, deixava o texto para rever no dia seguinte a ter terminado de traduzir e começava a traduzir um novo texto. No dia seguinte, com a ajuda da aplicação de revisão do programa *Microsoft Word*, relia a tradução no computador anotando tudo o que precisasse de alterações e de ser repensado, – especialmente a permanência ou não os estrangeirismos nas suas formas originais – corrigia o português, e ajustava o estilo da linguagem o mais possível ao estilo da *ELLE*.

3.2.2.1. Sobre Revisão

Hoje em dia a importância da revisão de texto parece ter diminuído em proporção ao aumento alarmante dos valores da crise, uma consequência infeliz da má gestão nacional. Contudo, a revisão é um campo importante para as editoras, um campo no qual o investimento é necessário. Se não pela contínua formação do público leitor – que deve manter um determinado nível de literacia no campo profissional para além de durante a formação académica como pela necessidade de manter o respeito e a qualidade da marca e do autor que publicitam. O desgaste e a irritação dos leitores face a um texto repleto de gralhas e erros são naturais. Dou, para este caso, o exemplo de uma das primeiras edições de *O Código Da Vinci*:

[...] *O Citroën atravessava autoritariamente todo este caos, com a sua dissonante sereia de dois tons a cortar o trânsito como uma faca. [...] Quando entraram no parque deserto, o tenente meteu a mão debaixo do tablier e desligou a incómoda sereia.*

Dan Brown, *O Código Da Vinci*, 2004

Ao ler pela primeira vez o presente excerto em português, levei algum tempo a perceber exatamente como é que as sereias ‘cortam o trânsito’, até que compreendi que se tratava, provavelmente por falta de atenção do tradutor e do revisor, de um erro de

tradução. O termo ‘siren’ tem na verdade dois significados, podendo ser traduzido por ‘sereia’ ou por ‘sirene’ dependendo do contexto. Neste caso, trata-se obviamente do segundo caso já que estamos a falar de um carro de polícia. Assim sendo, este erro do tradutor e despiste do revisor vieram apenas provar que o investimento na revisão desta obra foi negligenciado. Esta é uma fase essencial, independentemente dos problemas que cause a uma editora.

Esta necessidade, contudo, não se limita aos textos literários e jornalísticos, e muito menos apenas a corrigir gralhas e erros. Muitas vezes depois de uma tradução, o texto pode não fazer sentido, seja porque o tradutor não fez uma revisão prévia ou porque o próprio texto pode ter os seus problemas ao nível da linguagem. A revisão é neste caso um elemento essencial no sentido de preparar o texto para ser lido e compreendido e para uniformizar a linguagem de forma a tornar o texto coerente.

O mesmo se passa com os artigos da *ELLE*. Em vários casos, devido à própria linguagem do jornalista e da revista, os textos acabam por ficar numa fase inicial, incompreensíveis. Daí não haver apenas uma fase de revisão no processo da edição e publicação de cada número, mas três ou por vezes quatro – acompanhadas por um processo de análise durante a paginação.

3.2.2.2. Problemas de Revisão dos Textos de Origem Espanhola

O método de revisão que adotei, tanto para uma língua como para outra foi, como descrevi no ponto 3.2.2., o de pôr o texto de parte por um dia para poder reler as minhas traduções com olhos renovados. Esta técnica, algo simples, permitiu-me observar mais analiticamente os meus próprios textos, de forma a poder determinar mais facilmente onde poderia existir algum problema com a língua de chegada e melhorar o texto.

No entanto, não posso afirmar que os problemas de tradução mencionados nos pontos 3.2.1.2. e 3.2.1.3. foram as únicas dificuldades encontradas no decorrer do estágio. A mesma semelhança entre o espanhol e o português que provou ser um problema desafiante na Tradução provou desde o início ser um entrave difícil de ultrapassar também na revisão. O mesmo tipo de frases poderia soar bem em ambas as línguas, mas o significado acabava por ser diferente, devido aos designados falsos amigos, como já vimos no ponto 3.2.1.2.

A principal dificuldade em rever as traduções do espanhol para o português foi por isso, para mim, a confirmação do significado dos termos. A preocupante raridade de glossários multilingue sobre costura e decoração (os artigos espanhóis eram precisamente sobre estes temas) fez-me demorar mais tempo do que o desejado em vários termos e expressões. Mas a leitura renovada das traduções e o auxílio de um bom dicionário – tanto em papel como *online* – tornou a tarefa possível.

3.2.2.3. Problemas de Revisão dos Textos de Origem Inglesa

A revisão das traduções inglesas levou um pouco mais de tempo que as de espanhol, mas não pelas mesmas razões. A principal dificuldade neste caso foi o estilo de escrita que o texto teria que adotar. Ao contrário dos artigos de Espanha e do Reino Unido, o estilo dos artigos não europeus era mais coloquial do que o que a revista apresenta. A *ELLE* tem um estilo próprio, e os artigos assemelham-se mais a conversas entre amigas do que a texto jornalístico. Ainda assim, existe a necessidade de uma certa discrição e neutralidade na linguagem utilizada.

A nível linguístico, a grande dificuldade foi a ordem das frases. A estrutura frásica do português é muito mais complexa do que a do inglês, pelo que uma das preocupações foi deixar as frases curtas ou aglutiná-las. Por outro lado, existia a questão da ordem dos adjetivos e da conjugação verbal, que não é a mesma nem segue as mesmas regras, tendo em conta as raízes linguísticas.

3.2.2.4. Ferramentas Utilizadas

As ferramentas utilizadas na revisão das traduções foram bastante limitadas. Para além do acesso aos dicionários e a *sites* na Internet, estando os que mais utilizei indicados no ponto 3.2.1.4, uma das ferramentas mais importantes que tive à minha disposição foi um *Prontuário da Língua Portuguesa*. Apesar de estar muito desatualizado – o meu prontuário ainda é anterior ao ano 2000 – provou ser de grande ajuda quando precisei de confirmações ao nível da estrutura frásica e pontuação. No entanto, a ferramenta mais útil e eficaz foi na verdade aquela com que trabalhei desde o início do estágio para escrever as minhas traduções: o *Microsoft Word*.

O *Word* tem a grande vantagem de conter, para além de um corretor automático – que não é completamente fiável – uma aplicação de revisão textual, com a qual é possível rasurar termos que achemos estar mal empregues, alterar a ordem das frases, escrever comentários e marcar possíveis problemas a ser analisados com mais detalhe. Tudo isto sem nunca apagar o texto original (até o utilizador indicar que aceita as alterações propostas). Isto permite ao utilizador comparar as suas alterações com o que escreveu no texto numa primeira instância, podendo desta forma tomar decisões sobre o que permanece no texto e o que deve ser excluído.

4. CONCLUSÃO

4.1. Da Teoria à Prática

Início este ponto do relatório salientando o facto de não ser a minha intenção deitar por terra qualquer critério de organização referentes às componentes letivas e não letivas do mestrado. Dito isto, não posso deixar de referir que este é um ponto que considero importante no sentido da minha própria formação e na organização da mesma no futuro. Assim, pretendo analisar o que aprendi em ambas as componentes e como se complementa a ideologia teórica com a experiência prática.

Durante a componente letiva do mestrado em Edição de Texto, a preparação prática e teórica que tivemos concentrou-se principalmente no aspeto estético dos livros. Houve uma certa predileção pela análise da aparência das capas, lombadas, interior dos livros, fichas técnicas. Falou-se sobre a publicação e respetivo calendário, critérios de vendas e até História dos Livros, mas tudo pareceu circundar em volta da atratividade do produto final como forma de incitar à compra de livros.

A Edição de Texto tem como função principal, afinal de contas, as vendas. Como foi explicado na introdução do presente relatório, por muito mercenária que a ideia de fazer dinheiro à custa da Cultura nos pareça, a verdade é que todo o processo de tratamento textual, de imagem e técnicas de *marketing* de uma obra são necessários a divulgação e manutenção da Cultura nacional de cada país. Posto isto, a predominância do campo literário na componente letiva fez com que os restantes mundos da escrita fossem postos de parte. A Edição não se pode concentrar apenas em livros, até porque estes não são os principais meios de divulgação cultural. Envolve também o estudo de jornais, discursos e até mesmo legendagem de programas de televisão.

Estes temas acabaram por ser tão negligenciados no mestrado como no mundo real. Como tal, ao iniciar o estágio na revista sentia-me, e não sem razão, pouco preparada ao nível da área da Edição para os desafios que me foram apresentados. Não obstante, tive a oportunidade de me inserir num meio diferente daquele estudado durante a componente não letiva, o que considero positivo a nível profissional e académico por me ter permitido realizar investigação numa área não lecionada.

4.2. Análise Final

Quando lemos uma obra literária, mesmo sendo de um autor estrangeiro, nunca consideramos que estamos a ler algo originalmente de outro ponto do mundo, a não ser que o façamos na língua original. Com os artigos de jornais e revistas acontece o oposto, especialmente em edições internacionais. Sabemos que por si só, os jornais e revistas são lidos de forma diferente dos livros, precisamente pelo seu objetivo explícito de divulgação de acontecimentos importantes e notícias. Contudo, o facto de estas serem nacionais e internacionais, estas edições são consideradas estrangeiras, até certo ponto, pelo público leitor. Por isso, o tratamento deste tipo de publicações implica um investimento e tratamento ao nível linguístico diferente do exigido no campo literário.

A nível da tradução a diferença é vasta, tanto ao nível da linguagem como ao do estilo. Um livro pode conter termos técnicos que exijam ao tradutor notas de tradução explicativas. Numa publicação jornalística isto é impensável, sendo necessário que os termos sejam traduzidos já considerando se o público-alvo os irá perceber imediatamente ou não. Quanto ao estilo, um livro, dependendo do seu conteúdo, poderá ser muito formal ou informal e a linguagem terá de se adaptar segundo estes critérios. Em jornais e revistas, os critérios variam segundo o tema da revista e o público-alvo, não necessariamente tendo em conta o conteúdo.

Quanto à revisão, vimos e analisámos os problemas que advêm da negligência para com o texto trabalhado. É uma fase comprovadamente essencial para qualquer tipo de publicação, sendo que a sua inexistência pode fazer com que o público leitor perca a confiança na marca, no autor e no próprio texto. Tendo em conta o objetivo da área da Edição, esta é portanto uma área em que sempre valerá a pena investir.

Para um estágio que durou três meses, podemos inicialmente pensar que a experiência adquirida, tendo em consideração o limitado número de funções a que fui exposta, foi praticamente inexistente. Embora tenha que admitir que independentemente do tempo e da variedade de exposição à área mais estética da revista, é-me impossível pensar que a experiência que adquiri é inútil.

Em primeiro lugar, posso depois de todo este tempo, gabar-me de ter tido a honra de estagiar numa das revistas mais conhecidas do círculo feminino. Os diversos temas das suas publicações deram origem a grandes debates internos sobre como expor diversos termos e fraseologias para a compreensão generalizada do público leitor. A

vasta experiência em Tradução que o estágio me permitiu adquirir tornou possível, consequentemente, a exposição a áreas diferentes e variadas sobre temas que, apesar de serem debatidos em revistas femininas, não deixam de ser importantes para o público em geral. Além disto, o tempo que passei a rever e melhorar textos fez com que a pouca experiência adquirida em aula fosse compensada por uma exposição praticamente constante aos desafios da revisão, tanto em termos linguísticos como em relação ao tempo que demora a ser realizada corretamente.

Finalmente, o estágio mostrou-me que, apesar de a Tradução ser um mundo pequeno, a sua importância não é igualmente diminuta. De facto, apesar da pouca importância e relevância que lhe é atribuída, a Tradução mantém uma relação simbiótica com a Edição do Texto, não podendo existir uma sem a outra no que se refere ao nível da divulgação internacional. O seu peso dentro do mundo da Edição pode ser pouco comparado com outras áreas, mas na verdade é esta invisibilidade que sempre deu a importância não só à Tradução como à própria Edição de Texto. O peso da Tradução e da Edição não se medem pela notoriedade do seu trabalho, mas pela invisibilidade da mesma. O que, numa revista internacional, é algo que incrementa ainda mais a sua qualidade.

Desta forma, a minha conclusão final é de que a importância da Edição de Texto e da Tradução é medida em proporção com o pouco que o leitor comum pensa do tempo e trabalho investido nos textos que lê. E que dentro da Edição de Texto, a relevância da Tradução, ainda que pequena independentemente do caso, varia de acordo com o público leitor a que os textos trabalhados pela Edição no geral se destinam.

BIBLIOGRAFIA

- AVV. *Quem Mexeu no Meu Texto?*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Tedibera, 1ª Edição, 2010;
- AZEVEDO, Mário. *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares*, Universidade Católica Editora, 5ª Edição, 2006;
- BACELLAR, Laura, *Escreva o seu Livro – Guia prático de edição e publicação*, S. Paulo, Mercury, 2001;
- BAKER, M. (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London, Routledge, 1998;
- BARZUN, Jacques. *On Writing, Editing and Publishing*, Chicago: CUP, 1986;
- BASSNET, Susan. *Estudos de Tradução*, Tradução de Viviana de Campos Figueiredo, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003;
- BASSNET, Susan & LEFEVERE, Andre (edited by), *Translation, History, Culture*. London, Cassell, 1995;
- CARDOSO, Gustavo, *et al. A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto: Campo das Letras, 2005;
- CRONIN, Michael, *Translation and Globalization*. London/New York, Routledge, 2006;
- ECO, Umberto. *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, Lisboa, Difel, 2005;
- ECO, Umberto, *O Pêndulo de Foucault*, Lisboa, Difel, 1998;
- FURTADO, José Afonso, *O Papel e o Pixel*, Lisboa, Ariadne, 2007;
- Gross, Gerald (org.) *Editors and Editing – An Inside View of What Editors Really Do*. Nova Iorque: Harper & Row, 1985;
- HERMANS, Theo (ed), *Cross Cultural Transgressions. Research Models in Translation Studies. Historical and Ideological Issues*. Manchester, St. Jerome Publishing, 2002;
- KATAN, David, *Translating Cultures: An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*, (Manchester: St. Jerome Publishing, 1999);

LEUVEN-ZWART, Kitty van. *Translation Studies: The Stat of the Art*, Amesterdão: Rodopo, 1991;

LIPTON, Ellen; MILLER, J. Abbot. *Design Writing Research: Writing on Graphic Design*, Nova Iorque: Kiosk 1996;

PINHO, Jorge Almeida e. *O Escritor Invisível*. Matosinhos: QuidNovi, 2006;

STEINER, George, *Depois de Babel. Aspectos da Linguagem e Tradução*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa, Relógio d'Água, 2002;

VENUTI, Lawrence, *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. London, Routledge, 1998.

ANEXOS

Os anexos incluem as cópias dos originais dos artigos que traduzi. São introduzidos por uma folha de rosto, que indica o número do artigo segundo a ordem em que este me foi dado a traduzir, o título traduzido, o título original e o conteúdo de cada anexo.

LISTA DE ANEXOS

1. Anexo 1 – Artigo nº 3, *O Salto Mais Baixo*
2. Anexo 2 – Artigo nº 4, *Ela é a Tal*
3. Anexo 3 – Artigo nº 44, *Mas que &%\$@§?*
4. Anexo 4 – Artigo nº 15, *Confissões de Confiança*
5. Anexo 5 – Artigo nº 30, *A Outra Mulher*
6. Anexo 6 – Artigo nº 9, *Terapia do Silêncio*
7. Anexo 7 – Artigo nº 36, *Para Lá das Fronteiras*
8. Anexo 8 – Artigo nº 37, *Como Chegar ao Céu*
9. Anexo 9 – Artigo nº 14, *Alice no País das Maravilhas*
10. Anexo 10 – Artigo nº 38, *Estrelas com Duas Vidas*
11. Anexo 11 – Artigo nº 41, *Uma Casa Encantada*
12. Anexo 12 – Artigo nº 21, *Cameron Diaz, Na Sua Pele*
13. Anexo 13 – Artigo nº 18, *Walking on Sunshine*